

FATE

A SAGA WINX

O Caminho das Fadas

FATE

A SAGA WINX

O Caminho das Fadas

Por Ava Corrigan

Tradução
Fábio Meneses Santos



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Fate: A Saga Winx™ © 2021 Rainbow S.p.A. All Rights Reserved.
Fate: A Saga Winx™ is based on the Winx Club Series created by Iginio Straffi.
© Netflix 2021. Used with permission.

Texto
Ava Corrigan

Revisão
Agnaldo Alves
Eliel Cunha

Título original
Fate: The Winx Saga
The Fairies' Path

Diagramação
Linea Editora

Tradução
Fábio Meneses Santos

Imagens
Sparks/Shutterstock.com;
Drunaa/Trevillion Images

Preparação
Jéthero Cardoso

Design de capa
Katie Fitch

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

C825f	Corrigan, Ava
	Fate: a saga Winx: O caminho das fadas / Ava Corrigan. - Jandira : Principis, 2021. 288 p. ; 15,5cm x 22,6cm.
	Tradução de: Fate: the winx saga - the fairies' path ISBN: 978-65-5552-408-6
	1. Literatura juvenil. 2. Contos de fadas. I. Título.
2021-985	CDD 028.5 CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura juvenil 028.5
2. Literatura juvenil 82-93

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Sumário

O início do conto de fadas.....	7
Conto de fadas n.º 1.....	11
Conto de fadas n.º 2.....	52
Conto de fadas n.º 3.....	90
Conto de fadas n.º 4.....	136
Conto de fadas n.º 5.....	187
Conto de fadas n.º 6.....	232



○ início do conto de fadas

Bloom Peters puxou seu saco de dormir sujo até o queixo, estremeceu no colchão de ar esvaziado colocado no chão frio e desejou voltar para casa. Nenhuma fada madrinha gentil veio realizar seu desejo. O armazém onde ela passava as noites era um espaço que poderia causar pesadelos, e Bloom não precisava de nenhum tipo de ajuda no departamento de pesadelos. Havia detritos amontoados nos cantos daquele espaço cavernoso, e às vezes Bloom ouvia um ruído estranho vindo daquela direção – ruído que ela decidiu firmemente não investigar. O luar enviava raios de luz fria para baixo através das aberturas no telhado, como espaçonaves alienígenas procurando por uma abduzida. Felizmente para Bloom, seus pesadelos eram sobre queimar casas e não armazéns enregelantes. E ela não poderia ter pesadelos se nunca mais dormisse. Sentada em sua cama improvisada, pegou seu caderno, usando o celular para iluminar a página inicial. A lista de ideias de Bloom era intitulada “Que diabos está acontecendo comigo?”.

Pirocinese? Mutações? Superpoderes? À prova de fogo?

Abaixo de sua lista de ideias, ela descrevia o resultado de suas experiências.

6 de julho – velas – sem queimaduras.

8 de julho – fogão de acampamento – sem queimaduras.

10 de julho – maçarico – sem queimaduras.

Experimentar em si mesma foi assustador, mas não tão assustador como a lembrança de sua casa queimando. Todas as noites, Bloom revivia a briga que tivera com sua mãe, e então o momento em que ela acordara para ver sua casa em chamas. Ela sabia que, de algum modo, ela mesma fizera aquilo. Correu através de sua casa em chamas até o quarto dos pais e encontrou a cama, as cortinas, todo o quarto em um inferno flamejante. Até o teto era um mar de chamas. Bloom se lembrava de seu pai tossindo desesperadamente no chão, sua mãe enrolada em um cobertor e coberta de queimaduras. Como se o fogo tivesse se lançado para engolir sua mãe, quando Bloom nunca... Bloom nunca faria aquilo. Só que ela tinha feito. Todas as noites, ela saía de seu quarto normal, em sua agradável casa-em-reconstrução-dos-danos-do-fogo normal. Ela viera até ali e se aninhara no chão, tentando não pensar em como sair daquela situação. Bloom se considerava uma lutadora, mas fora ela quem havia machucado sua mãe. E ela não sabia como lutar contra si mesma.

Ouviu outro ruído, esse ainda muito mais alto. Sentiu a cabeça estremecer. Não era possível ver muito bem através das janelas encardidas pela sujeira. Se alguém tivesse visto uma adolescente entrar furtivamente no armazém abandonado, poderia ter imaginado várias razões por que ela havia entrado lá. Bloom largou o telefone e o caderno. Deixem os invasores tentar vir até ela. Ela tinha ferido sua própria mãe e não iria hesitar em cair no estilo terra arrasada sobre um canalha. Literalmente.

Houve outro som, um eco de passos. As mãos de Bloom se fecharam. Ela sentiu uma forte coceira no centro de cada palma, como um calor que vai aumentando.

O som dos passos não veio da direção da porta. Bloom se virou para ver uma mulher. Ela não era uma intrusa comum. Era uma mulher claramente extraordinária. Não havia dúvida sobre isso. Ela era alta, branca, de meia-idade, com roupas conservadoras e com uma juba loira-acinzentada totalmente presa à cabeça, sobrancelhas escuras, delineadas, e um ar de imensa dignidade. Sua presença parecia transformar o armazém sujo em um camarote. Além disso, a parede atrás da mulher se abriu em um portal brilhante de luz. Apenas mais uma pista de que algo incomum estava acontecendo ali.

– Bloom Peters? – perguntou a estranha. – Sou Farah Dowling. Por favor, veja se esquece meu primeiro nome imediatamente. Se você vier para minha escola, você não precisará mais usá-lo. Diretoras não têm primeiros nomes.

O primeiro choque de Bloom estava passando.

– Se eu for... para a sua escola – disse Bloom.

Uma risada rasgada irrompeu daquela garganta.

– Ah, uma estranha misteriosa veio me contar sobre sua escola para bruxos?

– Não bruxos – disse a mulher.

Bloom acenou àquela resposta:

– É esta a parte em que você me diz que sou uma mágica agora?

– Você sempre foi, Bloom – disse a diretora Dowling. – Você apenas não sabia ainda.

Isso foi o suficiente. Ela poderia ter poderes misteriosos que estavam fora de controle, o mundo poderia estar enlouquecendo, mas seus pais não a criaram para ouvir adultos estranhos que se aproximam na calada da noite com o que parecia ser um discurso de recrutamento para um

culto secreto. Bloom bufou, abandonou seu saco de dormir e foi para a porta. A voz da mulher a deteve na saída do armazém.

– Eu sei sobre o incêndio, Bloom.

Bloom tremeu como a chama de uma vela acesa em uma rajada de vento.

Lentamente, ela se virou. A mulher estava olhando para ela com um olhar firme, perspicaz, mas não cruel.

– Aonde você vai? Você não pode ir para casa. Você está muito apavorada de poder ferir seus pais de novo.

A diretora Dowling estava certa. Bloom estremeceu. Mesmo na Califórnia, as noites podem ficar bem frias.

Dowling moveu-se em direção a Bloom, que se manteve imóvel, paralisada por uma mistura de medo e esperança.

– Você está procurando respostas. Sou uma professora. O que significa que tenho todas as respostas. Ou, pelo menos, vou te dizer que sim.

Bloom queria ir para casa ainda mais do que queria respostas, mas ela não conseguia encontrar um caminho seguro. Não sozinha. Então, quando a mulher falou, Bloom ouviu.



Conto de fadas n.º 1

*Venha, criança humana!
Para as águas e a vida selvagem.*

– W. B. YEATS

Fogo

Eu tinha acabado de chegar ao castelo e, honestamente, estava em choque. “Calma, Bloom”, eu ficava repetindo em minha mente, mas era difícil estar tranquila no país das fadas. Não esperava que minha nova escola de fadas poderia se parecer com o castelo em uma ilustração do livro de contos de fadas que costumava guardar com carinho. *Era uma vez*, era meu bem favorito, o livro mais chique que possuía, com espirais douradas na capa. Mas cresci e embalei o livro em meu velho baú de brinquedos junto com meus ursinhos de pelúcia. Pensei que já houvesse passado há tempo dos contos de fadas.

Isso foi antes de usar magia para incendiar minha casa. Meu baú de brinquedos e meu livro de contos de fadas também haviam queimado.

Mesmo quando criança, nunca esperei realmente entrar em um conto de fadas. Toda a paisagem era assim. Verdejante, rolando Colinas verdejantes que pareciam macias como um veludo verde, florestas escuras e agora um castelo cercado por portões e jardins. Havia torres com cúpulas em cada lado do castelo, e o telhado estava salpicado de torres. As paredes pareciam ser granito, mas de alguma forma mais liso, como granito que virou vidro ou recebeu um brilho mágico. Talvez fadas pudessem fazer aquilo. Eu não tinha ideia do que as fadas podiam fazer. No entanto, aparentemente, eu era uma delas.

Meu livro de contos de fadas não incluía um enxame de crianças da mesma idade que a minha. Uma afro-americana de pernas longas e aparência muito capaz passou por mim, vestindo uma jaqueta jeans e carregando uma sacola cheia de equipamentos esportivos. Espere, ela não era afro-americana. As fadas não tinham África ou América. Eu não sabia o nome do reino das fadas em que estava. Também não tinha imaginado fadas praticando esportes radicais. Outra garota, pálida, com uma nuvem de cabelo castanho, estava segurando várias plantas no colo enquanto corria através do pátio. Uma terceira passou por ali, lembrando vagamente um punk rock de pele morena e usando fones de ouvido enormes que zumbiam fracamente em suas orelhas. Eu não tinha imaginado fadas curtindo rock, também. Havia um cara esguio com jeans skinny, de sobrancelhas sardônicas e nariz com cirurgia plástica. A Califórnia sempre teve muitos meninos brancos *haters*, mas este com estilo de rei do crime tinha uma faca de verdade. Oh, não, faca de verdade! Não estava interessada em conhecer melhor o Cara da Faca. Uma linda garota loira com pele de porcelana estava tirando uma selfie com um grupo de alunos mais jovens intimidados. Um fio luminoso flutuava no ar, fazendo seu cabelo lustroso brilhar. Pense em um ângulo de beleza. Aparentemente, as fadas podem criar sua própria iluminação de beleza.

Olhei para o meu telefone. A diretora Dowling me disse que uma garota mais velha chamada Stella iria me encontrar e me mostrar a rotina básica. Stella estava atrasada e eu cansada de esperar. Poderia me virar sozinha. Comecei a seguir em frente, fiquei em dúvida e mudei de caminho, e então segui em frente de novo. Ousadia era tudo.

– Uau você parece tão perdida... – ouvi alguém dizer.

Um cara estava falando comigo. Felizmente, não era o Cara da Faca, mas... desculpe, Cara Qualquer, não tenho tempo para você. O Cara Qualquer continuou, com sua voz pensativa.

– O problema é que você está sobrecarregada. Quero dizer, você está essencialmente correndo. E agora que estou aqui, você não pode me dar a satisfação de me dar as costas.

Eu dei uma espiada nele e sorri. Seu cabelo tinha picos penteados como um capacete de ouro, e sua camisa era rosa, de que eu gostava porque os estereótipos de gênero eram para os fracos. Ele até tinha um bronzeado de verão que uma ruiva como eu, pálida igual a barriga de peixe, só poderia sonhar ter. Mas não importa quão fofo ele fosse, eu não ia encorajar aquele garoto.

– Acho que isso significa que temos que fazer isso para sempre. Existem coisas piores, mas...

Parei e me virei para ele:

– Não preciso de ajuda, mas obrigada.

Agora eu estava olhando para ele corretamente, o Cara Qualquer era muito fofo, com aquele queixo de super-herói e um ar confiante. Ele podia até ser bonito, mas eu era do tipo independente.

O Cara Qualquer brincou:

– Não me lembro de ter oferecido. Tão presunçosa. Você deve ser uma fada.

– Bem, foi isso que a diretora Dowling me disse.

Respirei fundo e disse em voz alta pela primeira vez:

– Sim. Sou uma fada.

O castelo e o Garoto Bonito ficaram confusos ao meu redor por um segundo. Continuei brincando, mas não estava fazendo um bom trabalho em esconder como eu estava oprimida. Ele adivinhou que eu não era dali de perto, e seu olhar suavizou como se estivesse triste por mim. Antes, na Califórnia, eu não conseguia me encaixar. Será que eu poderia ali? Esse menino parecia tão completamente em casa, em um castelo, em um mundo onde as fadas eram reais. Parte de mim queria continuar sorrindo para ele, parte de mim queria encontrar meu próprio caminho.

– Cara, pare de assediar as calouras!

O Cara Qualquer bonitinho se virou ao ouvir a voz, que pertencia ao Garoto da Faca. Ah, que inferno. Eu queria estar fora dali. Segui meu caminho em direção à escada enquanto o par brotava. O Garoto da Faca parecia se chamar “Riv”. Bem, meu nome é Bloom, então, não deveria julgar. A loira com a iluminação mágica da beleza me alcançou na escada. Ela teria ficado ainda mais bonita se não estivesse com a expressão de que cheirou algo ruim.

– Bloom?

Imaginei que aquilo era eu.

– Você deve ser Stella. Oi. Eu estava esperando. Só fiquei meio que impaciente.

Stella não pareceu impressionada com minha impaciência, mas ela guiou o caminho através do castelo, acenando sem compromisso nos arredores impressionantes. Alguns dos lustres naquele lugar eram tão elegantes e delicados que pareciam estrelas suspensas em fitas douradas. Os quartos eram grandes e brilhantes, com raios de sol tingidos por vitrais tão detalhados quanto o bordado na bainha da saia de uma princesa.

Muitos dos vitrais eram de diferentes tons de verde, colorindo sutilmente o ar ao nosso redor como se estivéssemos em um mundo feito

de jade e esmeralda. Stella não ficou impressionada, mas foi totalmente impressionante ela mesma. Ela usava o cabelo em uma trança legal, um sobretudo com ar de alta-costura e botas vermelhas incríveis. Eu era uma garota de botas, além disso, usava vermelho e rosa porque as ruivas não deveriam, mas gostava de quebrar regras. Entretanto, todos os meus conjuntos de vestidos e botas ficariam pálidos em comparação com os de Stella. Até a mão de Stella estava decorada. Balancei a cabeça para suas joias ornamentadas.

– Que anel maneiro.

– Herança de família – disse Stella –, um anel portal. A única coisa que me mantém sã neste lugar é a capacidade de deixá-lo. – Ela continuou falando, cheia de tédio pelo castelo de conto de fadas enquanto eu dava outra espiada em seu anel. – Se você alguma vez quiser voltar – disse Stella, enquanto deliberadamente disparava contra mim.

Ela estava fazendo algum tipo de jogo de poder, e não entendi o porquê.

Essa garota Stella não sabia quanto eu queria voltar para casa. Mas não podia. Aquela mulher, Dowling, havia me prometido respostas. Deixei Stella me levar escada acima para o conjunto de quartos no castelo de conto de fadas que ela chamava de Suíte Winx. Joguei minhas malas, mas não prestei muita atenção no que Stella estava dizendo. Eu estava focada nas respostas. Minha primeira tarefa foi encontrar a diretora Dowling novamente.

Fogo

Uma fada que parecia mais interessada em seu telefone me levou para o escritório da diretora. Uma vez lá, só encontrei mais perguntas. Havia um globo no escritório que mostrava reinos em vez de continentes.